

AURORA

A OBREIRA

REVISTA N° 56
ANO 4 - 2015
NOVEMBRO

EDUCAR, ORGANIZAR, EMANCIPAR!



EDITORIAL

Para as pessoas adeptas do anarquismo, as formas do Estado e suas leis não são apenas a superestrutura política da estrutura econômica da sociedade; as idéias, os conceitos de justiça e outras formas de consciência humana não são meros produtos do processo de produção de cada vez, mas determinantes do espírito humano que são, eles próprios, influenciados pelas condições econômicas, e reagem, por sua vez sobre essas mesmas condições econômicas da sociedade. Desta forma, uma série infinita de efeitos recíprocos originam-se; muitas vezes impossível de verificar qual seria o fator básico. Eles podem ser considerados como materiais de todas essas manifestações e pode-se supor com Proudhon que a cada ideal é uma flor cujas raízes se encontram nas condições materiais de vida. Mas neste caso as condições econômicas seria apenas parte dessas chamadas condições materiais gerais; não constituem o caminho de ferro, determinando base de todo o processo evolutivo de todas as outras manifestações vitais da sociedade, mas que seria sujeito a ela e nunca interrompe a interação de todos os outros fatores da vida material. Por exemplo, o Estado seria, sem dúvida, o primeiro produto de monopólio privado de terra, uma instituição gerada com a divisão da sociedade em classes diferentes com diferentes interesses também. Mas ele também teria que admitir que, uma vez existente dedica-se com toda força para a perpetuação desse monopólio e manutenção das diferenças entre as classes e, a fim de preservar a escravidão econômica. Tornou-se, assim, o Estado no curso de sua evolução, a agência de funcionamento mais formidável da humanidade.

AURORA OBREIRA

Barricada Libertária. iniciativa de ação direta e local para divulgação e propaganda do anarquismo sem partido. sem religião. sem Estado.



AURORA OBREIRA

Número 56 - Novembro 2015. Revista para divulgação do anarquismo atual e na construção de uma sociedade sem classes. sem opressão e sem exploração.

Redação: Barricada Libertária

Colaboração: Fenikso Nigra.

Movimento Anarquista. Danças das Idéias. ATB.

Esta revista foi feita em soft livre: Scribus. Libreoffice. Inkscape. Gimp. OS Mint 17

Contatos:

Barricada Libertária: lobo@riseup.net

barriliber@riseup.net

Fenikso Nigra: fenikso@riseup.net

ou fenikso@anarkio.net

<http://anarkio.net>



-Creative Commons: Ioj rezervitaj rajtoj

-Atribuo: Vi citu ĉi tion aŭtoron:

Copyleft: Liberaĉana Barikado (LoBo) - 2015;

-Ne komerce uzo: Vi ne komercu tion verkon!;

-Oni partoprenas kun sama Permeso 3.0 Brazilo;

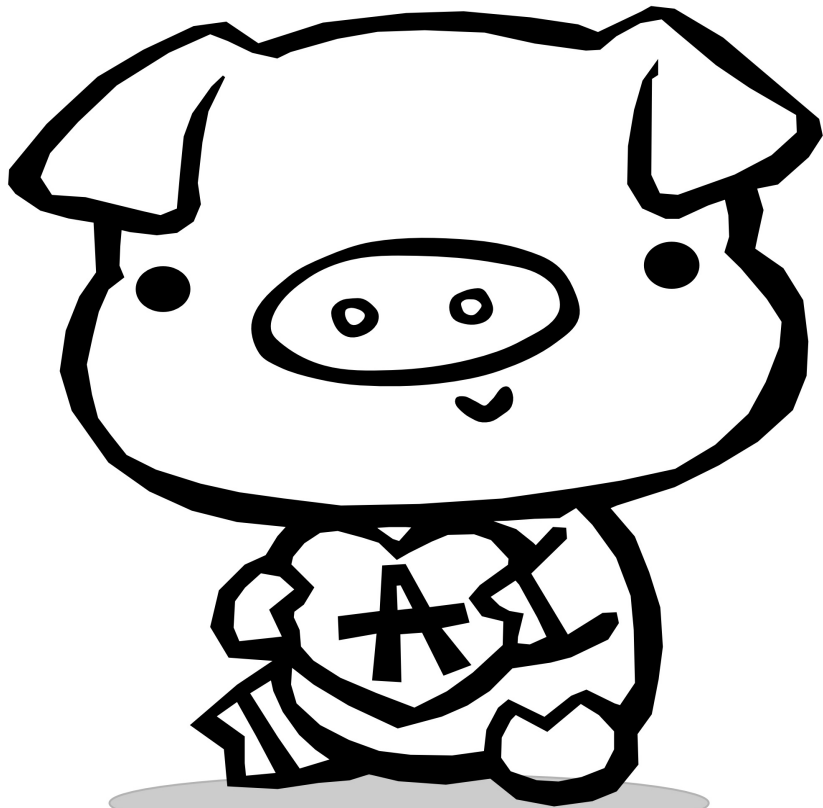
Por reprodukti, disvatiĝi, vi uzu egalan permeson;

-Vi vidu kompletan permeson:

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/br/legalcode>

Respeito é animal!



Salve vidas!

não-humanas e humanas,
libertar é amar!

anarkio.net

fenikso@riseup.net

Aurora Obreira Novembro 2015 3



Raças

Durante séculos se pensou que existiam raças humanas, e ainda hoje persiste essa crença. Uma raça se separaria de outra por possuir claras diferenças físicas objetivas, transmíssíveis aos filhos de forma direta e permanente. Estas diferenças físicas estariam definidas pelos genes que são o que proporciona o plojeto do que seja uma pessoa inteira.

Havia muita inexatidão sobre como definir uma raça de maneira científica, já que era mais discutível se existirá a raça dos ruivos, dos morenos ou dos peles vermelhas; ou a raça dos narigões, das orelhas de abano ou das cabeças grandes... O que é ser negro? Qualquer um poder ver que existia era diversos tons de pele, do rosado ao marrom mais escuro. Um hindu ou australiano podem ser mais negro que um africano, um esquimo mais moreno que um francês e um apache muito diferente de um mongol... Mas a sua vez semelhante. Para o cumulo, havia gente que considerava negro qualquer um que tivera entre seus ancestrais qualquer um de pele negra, mesmo que o sujeito fosse mais claro que um finlandês. Onde

começa e onde termina uma raça, então? O debate era muito parcial porque havia racistas que defendiam que a inteligência de uma pessoa era demonstrada pelo tom de sua pele, por exemplo. E se o tom de pele for, mas correta seria a pessoa – diziam sem pudores. Aff. Na realidade se usava a classificação racial para justificar a exploração, perseguição ou marginalização de determinados grupos por outros.

No ano de 2003 se finalizou a sequência do genoma humano, isto é, as instruções que permitem construir um ser humano. Uma das mais surpreendentes e espetaculares conclusões em que chegaram nesse processo, é que raças humanas não existem. Os diferentes tons de pele, de pelo, das íris e tudo mais, são adaptações superficiais aos meios que ocultam que os genes dos humanos estão mesclados, que um pode ter mais semelhanças genéticas com alguém da outra ponta do globo de pele escura, que com seu vizinho do mesmo rosto rosado. Todos os humanos possuem qualidades similares. Nosso antepassado comum feminino mais recente foi uma mulher apontada como Eva Mitocondrial, que viveu na África faz pouco mais de cento e cinquenta mil anos e que formava parte de uma agrupação humana de muitos poucos membros. Então havia uns mil humanos e o resto da estirpe sumiram no caminho sem deixar descendência. No caso dos varões se considera que faz uns (mais ou menos) setenta mil anos houve um varão africano de onde descende todos os cromossomos Y de nossos dias. Este antepassado comum masculino mais recente é chamado de Adão cromossômico. Por esse tempo a espécie humana estava restrita a um escasso número de indivíduos africanos (dizem alguns investigadores que por volta de mil) que por efeito das constantes migrações por conta das secas, se expalharam por todos os ecossistemas. Rastro destas migrações se tem seguido por análises genéticas e afirmam que não existem raças humanas de nenhum tipo. Nem mais ou menos inteligentes, nem mais ou menos capacitadas para escalada para tocar o piano, porque estamos muito misturados. Existem diferenças individuais na resistência as enfermidades, ou peculiaridades que permitem saber quem é teu pai mediante prova de DNA, porque a impressão genética de cada um é única como uma impressão digital, tão peculiar como a forma da

iris. Mas não há diferenças significativas que permitam classificar um grupo amplo de pessoas como de uma raça específica humana. Nesse sentido, numa eventual cirurgia de transplante, não se surpreenda se encontrar pessoas que possuam mais semelhanças genéticas contigo entre índios maias do que em sua própria família. Foi uma boa notícia para os anarquistas, que sempre proclamaram a união da espécie humana acima da cor de pele, dos olhos e dos cabelos.

Seria então os genes uma grande bagunça? Para que intendas melhor isso, mostremos de outra maneira, menos científica e com meno genes: um cão setter marrom e outro setter negro, são ambos da mesma raça, mesmo que um seja marrom e outro negro. Um humano de pele escura e outro de pele mais clara, pertencem a mesma raça: raça humana.

Mas mesmo assim, há racistas científicos que insistem em classificar as pessoas por raças, mas seus intentos não tem tido exito até agora. Por isso contornam de outro jeito.





POR NÓS, NÃO PASSARÃO!

Etnias

Na atualidade o termo raça está em desuso, e se prefere o termo etnia para classificar a gente. Enquanto a raça faz referência as semelhanças físicas, biológicas, genéticas, que unem pessoas separando-as de outras, a palavra etnia atribui a grupos de pessoas que estão unidos por semelhanças de costumes, fora da herança genética. Por exemplo, uma população que siga uma regra cultural de matrimônio poliandrica (em que uma mulher é compartilhado com vários maridos), pode se considerar de diferente etnia que outra que siga a regra de matrimônio poliginica (em que um marido é compartilhado por várias mulheres).

Religião, idioma, lei, transmissão de heranças, tabus sexuais ou alimentícios, modo de vida preferencial, posição social da mulher, sistema educativo..., marcam a existência das diferentes etnias. Contudo que a palavra genocídio faz referência a eliminação física (os matando) de uma etnia, a palavra etnocídio faz referência a destruição de sua cultura e o esquecimento do que foram, sem a necessidade de aniquilar totalmente seus membros.

A etnicidade não tem nenhuma relação com os genes, isto é, que um nasça e tenha em seus genes a irresistível necessidade de construir as casas de adobe. Isso deve ficar claro. A construção de casas e refúgios, tem em haver com a cultura, com o aprendido.

É discutível e polêmico o emprego do termo em algo assim, porque não se usa para distinguir a etnia francesa ou a portuguesa, e sim está sempre associado a grupos rotulados como primitivos,

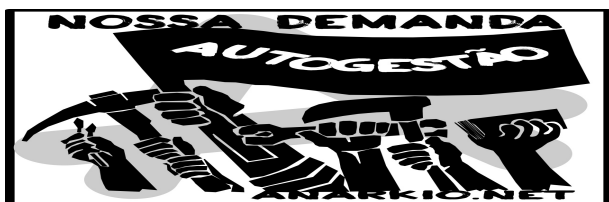
atrasados... minoritários.

Determinar o que é uma etnia é difícil..., tanto que alguns duvidam que existam na realidade. Não existe um critério objetivo de classificação étnica. Não há traços que permitam diferenciar claramente o que é ou não é uma etnia. No que se fixar? No que se diz a gente? Nas coisas importantes? Qualquer característica serve? É complexo definir por idioma as etnias, já que bosníos, croatas e sérvios usam em comum o servocroata. Celebravam matrimônios mistos e conviviam pacificamente... O que não os impediu em entrar em uma guerra horrível na década de 90 do século passado, com pano de fundo o nacionalismo patriótico. Tiveram que marcar diferenças mediante religião (ortodoxa, católica, muçumana), ou mediante o alfabeto (círílico ou latino), e forma atualmente três etnias diferentes, cada uma com seu Estado, que se entendem tanto como um asturiano entende um granadino. Semelhante situação passaram os hutus e tutsis de Ruanda, que tinham o mesmo idioma, o mesmo aspecto, as mesmas casas, as mesmas roupas, os mesmos tipos de telhados, vizinhos de rua, jogavam futebol, frequentavam colégios cristãos, bebiam a mesma cerveja... Se distinguia apenas que a maioria hutus eram camponeses e os tutsis eram peões, só sabia quem era quem perguntando ou vendo seu documento de identidade. E mesmo assim os hutus fizeram um genocídio contra os tutsis que até agora não há explicação racional. As etnias, existam ou não (que se os digam os judeus, palestinos e ciganos), funcionam quando a gente acredita nelas.

Por isso os anarquistas procuram acabar com a importância das diferenças étnicas, culturais, e salientam como relevante as diferenças de poder e de riqueza. Os anarquistas consideram os nacionalismos e qualquer lei de segregação, racista ou identificação, que criem diferenças políticas, divisões ou conflitos com outros grupos sejam chamados étnicos ou de qualquer outra forma, como opiniões nefastas e perigosíssimas, base para terríveis horrores.

Resiste sempre a que te rotule. Se tens que estabelecer diferenças, classificações, hierarquias entre pessoas, coloque sempre do lado das que são boas, das que lutam e defendem seus direitos, com independência de sua nacionalidade, de sua classe, de seu gênero ou de sua aparência. Apoia sem questionar os dominados, os

marcados. Se oponha sempre ao racismo, não ceda nem um milímetro ante que te afirme que “existe diferenças físicas inegáveis entre grupos de pessoas. Aceitar que existam raças não significa ser racista. Há raças, mas não importam essas diferenças”... Pois se é muito importante, porque então falar do que não importa. E eles falam e falam. Essas diferenças insignificantes, racistas ou étnicas, fundamentam ideologicamente o racismo, o patriotismo, o imperialismo, o capitalismo, e tua própria opressão por parte do Estado.



A Identidade

Os sentimentos de identidade e pertencimento são uma questão a parte. As pessoas tendem a constituir grupos e se perceberem distintos entre si. Somos uma espécie que tem vivido sempre em rebanhos, e a quem goste de classificar e comparar. Para que se sintas diferente, faz comparações. Só com o contraste se reflete sobre as diferenças. Essa reflexão é o que produz uma classificação, uma escala, uma hierarquia, nós/eles.

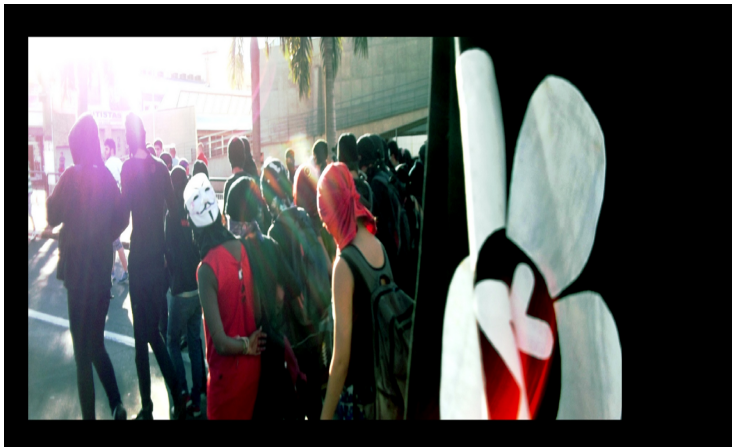
É difícil imaginar nos dias de hoje, um mundo povoado por humanos, que todos façam a mesma coisa em todo o planeta. No mundo anarquista seguramente haverá diferenças de idiomas, diversos dialetos, estilos de vestir, variedade na preparação de comida, diferenças culturais, ritmos diversos de alerta/sono... As pessoas de um grupo consideraram – possivelmente – seus costumes como bons e das outras como extravagâncias e excentricidades. A este fenômeno se denomina etnocentrismo: observar outras pessoas com as bases de tua cultura. Mas estou segura de que estas distinções, e formas de vive-las, o serão de uma forma completamente distinta na sociedade anarquista (sem poder) como é agora, com a existência do Estado.

O uso do sentimento de identidade pelo Estado

O Estado ocidental, capitalista, (ou a quem aspira ser), para melhor exercer a dominação, procura fazer homogênea a população sobre os pontos que determina o fundamento nacional. Ele sabe que os sentimentos de identidade e pertencimento são algo muito forte. Funcionam como forças que sustentam a sociedade, e dão um sentido a comunidade. As pessoas, quando estão motivadas e amam algo, são capazes de morrer e de matar por isso. É um sentimento muito útil para um mandatários.

A identidade se cria em torno de marcadores de identidade. Os marcadores são os aspectos da cultura que se proclamam fundamentais, intocáveis, sagrados, separam etnias, e sempre são poucos. Pode ser o território (deste rio até aquela montanha, o idioma (latino ou farsi), uma forma de expressão cantada (o fado ou tango), o ofício predominante (peões ou agricultores)... Os marcadores de identidade variam muito de um lugar para outro. O marcador de identidade faz com que as pessoas que o compartilham, por mais diferentes que sejam, possam pertencer a mesma etnia. E vice-versa: esses marcadores de identidade diferenciadores permitem listar todas as similitudes entre etnias diferentes, que sejam muitíssimas. Dentro desses marcadores, há sinais de identidade. Por exemplo, um pano cobrindo a pele de uma mulher pode indicar que é uma boa mulçumana (religião), modesta e respeitosa (regras morais). Remover esse pano para libertá-la, pode ser uma falta de respeito tão horrível para ela como deixar um ocidental nu em praça pública.

Uma vez construído este sentimento de identidade, se vive de uma forma hierárquica. Eles e nós. Será dito, escutará, que os outros povos são formados por gente bárbara e inculta. Da África vem uma gentalha em busca de subempregos. Dos Estados Unidos, ignorantes e porcos. E quem não ouviu falar dos filhos e filhas da Grã-Bretanha, dos caras de paus italianos e argentinos... E de povos que nem te conto. Exatamente os mesmos piores comentários se fazem a vocês pessoas.



Sentimento de identidade e anarquismo

Mas a identidade não tem porque ser vivida dentro da hierarquia do eu sou o melhor. Também funciona no sentido horizontal e igualitário. Se algo tem caracterizado a espécie humana durante milênios foi a hospitalidade. Se pode pensar que os demais são gente rara, que fazem coisas diferentes e respeitá-los como iguais.

Também se deve diferenciar respeito de tolerância. A tolerância implica em algo parecido com resignação. Como não se pode converter os demais no que quer, se deve aguentá-los e ter paciência. Mas não. O anarquismo implica igualdade, e a igualdade, em respeito a diversidade. Esse respeito não se aplica a toda diversidade. O anarquismo não é dominar e nem ser dominado, e por isso se opõe a todos os costumes que sejam de dominação, exploração, submissão, poder e autoridade.

Tenha em conta que a religião, o machismo ou o dinheiro, formam parte da cultura compartilhada, assim como o idioma ou os touros em festas de santos. Porque cultura é tudo que os homens fazem que não está escrito no gene, tudo quanto não seja determinismo biológico, tudo que parte de sua arbitrariedade. Por isso o anarquismo não respeita toda a cultura, mas sim quer mudar os aspectos mais deploráveis, e constituir para cada um em primeiro lugar, uma sociedade sem poder e nem autoridade.



Como o Estado constrói sua identidade?

Através da manipulação de seus símbolos culturais e da história. O poder cria uma fantasmagoria, e nos diz que existe uma coisa chamada Nação, que é sua Pátria. Desenha símbolos: bandeiras, uniformes, escudos, eventos desportivos, inventa tradições... Manipula a história inventando o mito da origem comum do povo, de seu destino, recordando as ofensas recebidas de séculos atrás... Fazem acreditar que formam parte de algo grande e coletivo e que vossa posição no esquema de poder é algo natural, porque há algo que desde o nascimento a cova, une militar ao pacifista, o padre ao ateu, o rico ao pobre...

Deve se ater que a história que lhe contam não é verdade, mas sim um relato inventado que seve para controlar vosso comportamento presente. O que é ofertado pe a história do Poder, de suas guerras, massacres, casamentos, intrigas... A nossa história mesmo está por fazer, por escrever, mas não sabemos ou não podemos.

Esse relato mitico é transmitido pelos meios de comunicação e pelo sistema educativo. Os obrigam a estudar a literatura nacional, os fazem servir no exercito nacional, os convertem em cidadãos da Nação, lhe entregam um documento de identidade... submisso ao Natal e a Loteria Nacional...



Construção de superidentidades

Por exemplo, agora estão construindo pelos os Estados, a identidade europeia. Se busca um mito de origem comum por exemplo: Grécia e Roma. Se organizam forças armadas em comum, instituições políticas, se idealiza um democracia, se estuda uma legislação comum, se promove o inglês como um segunda língua... Toda essa falsidade identitária se articula em tornos dos Estados. E a televisão e os periódicos os bombardeiam com a ideia de Europa e o idílio de suas nações. Mas a história da Europa é uma das mais violentas das culturas do planeta. A história de suas guerra tem mais de 2.000 anos. Os povos da Europa tem sido um dos mais belicosos do mundo. Para criar a Europa tem que ser por um ato de fé.



Rotulagem e poder de definição

Foi etiquetado por grupos que tem poder de definição. Ser judeu durante muito tempo, era ser avaro, sanguinário, ruim no pior dos sentidos. Ser etiquetado como judeu, era uma das piores estigmas possíveis. Um dos maiores poderes que existem é de poder etiquetar as pessoas, definir seus compartimentos e converte-los em peças raras que necessitam estudos, ajudas, expulsões ou aniquilamento. O Poder pode assim predizer comportamentos e exercer dominação com mais facilidade.

As identidades pessoas existem, e as culturas. É correto. Mas isso não tem nada haver com as rotulagens que emprega o Estado e seus aspirantes a discriminar, segregar, homogeneizar e destruir culturas humanas, visando obter domínio e submissão. Isso ocorre tanto em um Estado já constituído, como em um grupo político que

aspire a criar um novo. Qualquer poder sempre tentará a definir os diversos coletivos impondo-lhes uma visão única de sua identidade e de sua unidade.



Idiomas

Os Estado podem ter um idioma oficial em territórios em que sejam plurilingues, ou determinar idiomas oficiais para diversas partes de seu território. Para que o Estado nacionalista imponha um idioma comum, tem que eliminar pouco a pouco os chamados dialetos e os idiomas minoritários. A saber, os múltiplos idiomas que existem no território que domina o Estado são desvalorizados, menosprezados ou até proibidos. O processo de inculcação sistemático deste idioma oficial (idioma normalizado) se realiza através da escola e do sistema de prêmios e castigos, que fazem aqueles que falem bem a língua oficial – o que excluí o proletariado e o camponês sem estudos – tenham acesso a bons cargos e melhores empregos.

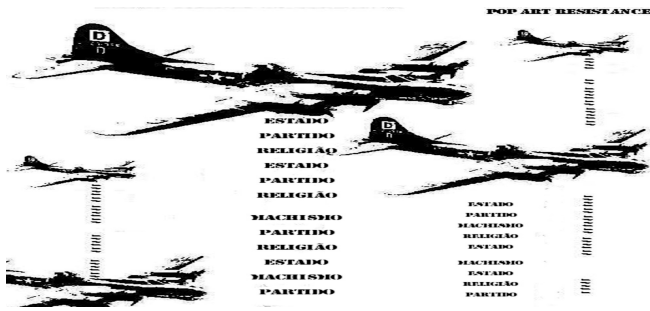




Idiomas de classe

Há que ter em conta que não só existem variações de dialetos em municípios de mesmo idioma, mas que também existem variações de classe social: não se fala igual a aristocracia e a plebe. A elite dominante desvaloriza sempre a fala do povo, e estende a ideia de que é uma fala grosseira, rude, sem vocabulário e nem sintaxe, e incapaz de expressar os elvados conceitos e pensamentos. É mentira. A pessoa com menos estudos do mundo, e mais ilhada do planeta, pode se expressar em seu idioma qualquer tipo de inquietação, e pode traduzir seu discurso a outras línguas, e a sua vez entender as traduções que lhe chegam: todos os idiomas tem a mesma base. Mas a estratégia do Estado faz que a gente comum, que sabe falar e se comunicar por natureza, deva aprender um idioma oficial usado para buscar trabalho ou ir a universidade, abandonando sua fala materna. Há muito tempo o Estado e o Poder nacionalista diz as pessoas o que é apropriado falar, o que precisa falar e como tem que falar, para que desta maneira se tornar homogêneo o que é heterogêneo, e criar assim um sentimento de Unidade no que se identifique a população dominada.

Chegado a este ponto, me sinto melancólica, entro em transe e lhe farei uma reflexão sentimental sobre esta etnicidade sobre um ponto de vista libertário. Espero que tenha um aspecto documentário... Segue.



A etnicidade e as abstrações coletivas

Surgiu a criatura chamada humana, descendente dos primatas e emergente do lodo. O domínio, animal industrioso, se diferenciava de seus companheiros de garras e rabos por uma mera questão: a sofisticação na hora de refletir sobre o que sentia. Dizia Unamuno que o que diferenciava o homem dos animais era sua capacidade sentimental mais que sua racionalidade. Eu, modestamente, afirmo que todos os animais sentem e – a nossa maneira – pensam. A faculdade humana para analisar ditos fenômenos e converte-los em um elemento abstrato, é o que confere uma graduação que dito anteriormente tem estabelecido uma separação. É possível que o Homo sensível e pensante necessite desta abstração. Dela podem florescer as mais belas obras de engenharia fantástica, mas também pode ocorrer que seus sonhos produzam monstros. Os monstros individuais causam pouco temor, atormentam sua vítima, angustiam seu danificado e depois o abandona deixando-o mais sábio, forte e confiante do que era antes. É um processo que poderá ser útil. Mas... Aí daqueles que não se conformam em pulgar seus demônios pessoais! Pois aqueles que coletivizam fantasmas repousam no leito de tirano.

As abstrações humanas podem mover a um sujeito a se retrair, a olhar inclusive a épocas passadas, e o Homo nostálgico, pode ver com agrado o tempo em que se pendurava nas árvores, quando disputava um frango, ou nadava no charco. Outros se enveredam por um futuro incerto, e compondo um Homo positivista se dedicam ao culto do progresso contínuo, a uma civilização cujos cimentos são compostos com sangue e ossos. Este sujeito acredita que o mundo

que imagina seja o melhor possível, e a sua chegada é inevitável. Faz orgulhoso disso e zelador desse projeto, mantendo seu charco, seu lodo e sua arvore, tanto como o outro faz com sua quimera, sua expectativa e sua industria. O problema é quando o homem não está contente em ser criador de seu próprio mundo, de suas fantasias e suas ilusões; não se conforma com isso e além disso, compartilha sua insegurança e seus medos com os outros.

Mas, o que tem de ruim nisso? Assim que é possível, todos queremos compartilhar nossas conclusões, comparar com as dos demais e ver quanto isso se confere com o mundo exterior... O problema surge quando esse processo não se realiza de forma voluntária, e existem muitas formas da voluntariedade seja interferida ou subjulgada. Aqui abordarei apenas três: Uma delas é classica, a saber, mediante força bruta: um porrete na cabeça, a baioneta nas tripas ou a bomaba atômica sobre as cabeças... Tudo isso move a gente tomar decisões que volutariamente, livre de pressões do meio, não tomaria. Outro método é a escassez material: corte de um indivíduo todo o meio de manter vivo e terás um fiel cão doméstico; dando-lhe um rendimento, pouco, mais regular, e te elevará a Deus; se apropriando da riqueza que ele produz e ele será teu escravo. A opressão economica obriga a gente se comportar e a agir contrariamente as livres disposições que dispunham. O terceiro método é o engano – isto se produz mesmo sem ter que usar mentiras especificas. Surge quando um indivíduo ou grupo de indivíduos se convence de que é aquilo que voluntariamente não escolheram e nem decidiram ser. Quando um indivíduo se confirma que de forma inatural, endemica, inata, é isso ou aquilo outro, quando sua mente virgem de criança é massacrada por crenças, tradições, fé, culto a uma lei, officiosa ou oficial, mas sempre sagrada, quando o indivíduo é absorvido pelas crenças de outro sujeito, escolhido no coletivo pela força do número, e o inculca a submissão a toda sorte de elucubrações pessoais transvestidas em gerais, devemos contemplar, indiferentes ou compadecidos, o sacrificio de um ser mutilado no altar da abstração coletiva.

Este processo que tem movido o anarquista a rechaçar toda abstração majestosa que tenha tratado de se impor sobre o indivíduo sem seu consentimento explicito. Está é uma postura

consequente do anarquista – comumente – antiteológico em religião, niilista em filosofia, herético em doutrinas, iconoclasta temperamental, associal quando o rebanho te obriga, antipolítico ante ao poder que reina sobre a polis, austero que abomina o rei-ouro, socialista que aborrece o capital com status de Deus, e apátrida que gosta de gargalhar do nacionalismo quando nos tempos de tormenta e chuvas de bandeiras.

Em consequência em digo, que existem duas dimensões dentro das abstrações: as individuais, dinata que nada temos o que objetar; e as coletivas, só inválidas quando o átomo individual é obrigado a se unir ao receituário da dita composição química.

Um bom exemplo de abstração que se desenvolve em ambos os campos é a crença em deus. Alguém pode pensar algo contra uma dita crença quando a fé na mesma, sua verdade ou sua mentira, só afeta o sujeito que a sustenta? Quem quer que se negue em respeitar no que quer que eu creio será um desposta disfarçado, pois ninguém pode me fazer compartilhar o que contra o meu princípio e minha vontade... E isso é muito válido quando se vive num período de ateísmo generalizado. Muito bem, se o indivíduo crente não pode ser obrigado por uma comunidade atéia a abandonar suas crenças, poderia uma comunidade crente obrigar a conversão um indivíduo crente? O caso é exatamente igual, não obstante, presenciamos a todo momento esse processo constante, tanto nos aspectos religiosos, como na moda, nos usos e costumes, nas identidades e nas ideias.

O método é simples, não bastam as evangelizações e as perseguições, crucifixo na mão, como se fazia no passado... A pior forma de doutrinação não é o que se faz desde o nascer, que se mantém na criança e que chegando a idade adulta, este se torna indisciplinado, resistente a educação e se converte em um cético obstinado. O problema da religião não se produz, portanto, quando é um assunto pessoal, que de forma maior ou menor, poderá ser combatida ou celebrada. O grande conflito, inevitável, entre indivíduo e coletivo, é quando a maioria religiosa determina que: “este povo é de tão confissão”, “todos os nascidos aqui possuem a crença x”, “está nação é automaticamente católica, apóstolica e romana”, “aqui se dança a jota (dança folclórica aragonesa) e se fala

castelhano”. A criança é então adestrada na observância cega deste credo, e se sua mente consegue se desinfetar do veneno obrigatório, toda a sua vida adulta será vivida de forma marginal com suas próprias incertezas, de dúvidas pessoais, de seu desejo ameaçado pela castração, de se questionar da validade das influências externas.

Toda ideia, toda fé, toda crença, todo raciocínio, é um mortal inimigo quando subverte seu caráter pessoal e gira de forma obrigatória sobre todos os que tenham caído na desgraça de serem paridos, ou chegar com seus pés, sobre um terreno determinado.

Se entende tal coisa, se pode me compreender quando me refiro a religião, se voltará com a mente superficial quando se fale das distinções abstratas nacionais, raciais, étnicas, genéticas, patrióticas, sexuais, tradicionais e históricas? Pouco me importa o valor científico das mesmas. De igual modo que não tenho discutido a inexistência ou não de deus, tão pouco perderei o tempo em me questionar a parcela de realidade que tenham as relações coletivas. Só me interessa analisar nosso poder para afirmá-los ou negá-los pessoalmente e a invalidez de todo o conceito que se apresente e se postule como intrinsecamente coletivo.

Como agora me interessa mais o tema étnico que das chamadas “patrias” e “nações”, me concentrarei nesse ponto, mas que pessoalmente creio que todas as ideias supostamente inatas são interrelacionáveis.

Se pode definir – tranquilamente – que o étnico como crença de determinados sujeitos de estar atados por laços comuns bem definidos. Estes laços podem ser territoriais, religiosos, históricos, linguísticos, ou mais comum culturais (termo que as vezes abarca alguns dos outros já mencionados). Em diversos momentos está a ideia de diferença coletiva que move um indivíduo concreto a se identificar com um grupo determinado em função de seus costumes. O que há de ruim nisso? Absolutamente nada. As ideias não podem se anular em função que sejam estreitas ou amplas, não existem parâmetros de generosidade ou de endogamia, assim como um deus monoteísta não superior a uma orda deles, nem que um deus vingativo e cruel se converta em uma abstração distinta sorridente e bonachã. As ideias puderam resultar em mais ou menos

simpáticas, mas contudo só repercurtem em quem resolveu criá-las ou adotá-las, e se apenas o crente seja o único afetado, ninguém tem o direito de se intrometer em suas revelações ou ilusões.

Entendemos que é básico que a abstração deus pode ser mantida sozinha, mas... Poderá se um perpetuar a abstração étnica sem a concorrência das outras? Uma pessoa, pode se inventar ou se infiltrar em um ou outro povo, pode se sentir pertencente a uma etnia oposta ou a que descobriu ao dobrar a esquina, pode chamar sua nação a um amplo espectro celeste ou reduzir-la a sua casa, pode brindar por sua pátria em um balcão ou no cume de uma montanha, mas não pode desenhar seu conceito coletivo sem contar com um território que possa atribuir características especiais humanizadas que venham de sua própria mente, e se alguém possa passar sem, é impossível fixar sua abstração pessoal no espectro que o corresponde sem contar com a incorporação de outros sujeitos a quem se sinta ligado, nem de um coletivo para o qual possa tomar o passo cultural coletivo e o chame de seu.

O indivíduo que defende a abstração étnica não pode se contentar, como o crente religioso, em se manter em fórum íntimo. Para ele, é o contrário, necessita de se afirmar com um grupo concreto e manter laços com o mesmo. Portanto, tanto que o cristão convicto seguiria sendo cristão mesmo quando ninguém mais compartilhe de sua fé, e o Anarquista seguiria o sendo mesmo num mundo subjogado pelo autoritarismo, mas para o patriota faz falta uma pátria, que não é mais que a elaboração de um grupo de patriotas; para o nacionalista uma nação que é obra da imaginação de um grupo de nacionalistas; e para o etnista, um grupo étnico que seja resultado das formulações culturais-folclóricas de um grupo de etnistas.

Para o etnista é importante encontrar um grupo de pessoas – geralmente chamado povo – para lhe atribuir uma bagagem cultural arquetípica, de rasgos de costumes locais e tradicionalistas. O Homo nacional, conhecedor de que não se pode subsistir – não suas ideias ao menos – sem um coletivo, e sem um território comum atribuído com coletivo, tratará, por um lado de determinar que os nascidos sobre o tal território, sejam possuidores de algumas características especiais, diferenciadores, que justifiquem seu

carater exclusivo – a fim de validar a existência desse laços específicos. Assim se atribui ao clima, a tradição oral, ao modo de viver a vida dos habitantes a criação de um carater comum. Por outro lado se afirma que essas características não podem ser abandonadas ou ignoradas pelos componentes do dito coletivo, nem pelos habitantes do dito território, pois se isso ocorrer a invenção nacional se extinguirá.

Na consequencia o Homo patriota tem que estabelecer a constrição de mil crianças a alguns valores perfeitamente estimulados, são suas mentes limpas invadidas com conceitos que lhes são alheios, pois para as crianças, como para os animais, não existem abstrações nem diferenciam bondade ou maldade em função da cor da pele. Por isso não concebem nem a abstração da etnia, nem da nação, nem da pátria, e se observará multidões de muleques vazios dando vivas a uma ideia que desconhecem, vitoriando um suposto sentimento que não são capazes de sentir e levantando o bracinho para uma bandeira e gritar que tal porção de terra está acima de tudo.

O etnista está obrigado a circunscrever os lugares de tal a tal parametro associado a ideias, rotinas e costumes limitados, obrigando-os adotar maneiras diferentes do que faziam de uma forma harmonica, bela e sem artificios, sem a necessidade de concretiza-las como um patrimônio nacional. São, sim paliativos, todos os indivíduos constrangidos em uma tônica que não tenham aceito por si mesmos, condenados ao leito de Procusto que nunca imaginaram, pressionados para que se modelem a moral, aos critérios e valores do senso comum, são vistos com receio se se atrevem a dissentir e nos tempos de guerras internas, de purgas intestinas ou lutas externas, imperiais e invasivas, no melhor das hipoteses condenados como traidores, e na pior das hipoteses são lançados ao silêncio da morte.

A raça necessita de indivíduos que se sintam identificados com ela, que tenham uma faculdade discriminadora para se sentir diferentes, que atribua a sua condição algo de exclusivo, não só no sentido elitista do termo, mas também como simplesmente o único em sua espécie. E desta maneira comprovamos uma das maiores ironias sociais: se o indivíduo pretende ser único, e manter por sua

originalidade todo conceito racial, de sua mente ser totalmente padrão cultural, de seus olhos todos oculos etnico, de seus pés todo o conceito de nação, e de suas costas todos os onus cobados pela patria, se converte portanto em um herege depreciável, um egoísta que viola os sagrados princípios do povo que o criou, amansou e adestrou, pois só o povo, a raça, a etnia, a nação e a patria, se podem declarar únicas.

Por fim, não existe patriota sem país, nem nacionalista sem um obrigatório projeto coletivo, nem etnistas que possa compelir um grupo de pessoas a abstração que só ele decidiu, independente da vontade alheia, da autonomia do indivíduo completo em sua particularidade, e da inocência da criança sem cor, sem costumes, nem tradições, nem pendões oscilantes, nenhum laço feito daqueles que não entendem de seus, das culturas, de idiomas, da história, nem nada alheio ao amor próprio, aquele amor que se fundamenta em si mesmo, e para si mesmo.

Portanto, há de concluir que não existe um abstração coletiva, chamando-a do que quiser (racial, nacional, etnica), que não possa se-estabelecer sem minha colaboração, forçada ou convencida, e que em consequencia não possa jamais deixar o indivíduo a si mesmo. Possa existir um deus em no interior do indivíduo, possa existir muitas abstrações sem necessidade de obrigar aos demais a se-limitar as fronteiras e marcas que só um fixou, possam existir sentimentos que não importam aos outros, possa existir um projeto que não se limite há um número x de indivíduos que tenham que aceitar em seu foro intimo; mais não podemos estabelecer que os nascidos em tal território são assim, sem remover as singularidades dos mesmos, não podemos estabelecer que os nativos de um determinado povo são, pelo costume, de uma maneira determinada, sem anular as singularidades dos referidos, não se podem fixar as qualidades de um grupo de pessoas definitivamente sem os obrigarem a força da tradição a serem como os outros os forcem ser, ao contrário da multiplicidade e diversidade que nascem como qualquer indivíduo.

Para mim a identidade é algo que nasce em um só e o mesmo que a cultivara. Os demais, podem compartilhar nossos interesses, colaborar e nos apoiarmos mutuamente. Se quer, podemos

expandirmos e florescer as vezes, mas não pode nossa identidade ser o produto predeterminado pelos outros por fazer décadas, sejam séculos ou milênios, nem tampouco o resultado das montagens arbitrárias de políticas. Então o indivíduo é absorvido, neutralizado e seus fazedores pretenderam se converter em seus executores... eles ditam os aspectos do lícito e ilícito, sobre o socialmente beneficente e o socialmente punível, e o indivíduo livre, amo de seus próprios passos, se converterá em uma marionete alienada do imperativo dogma geral, na vítima e a vezes o guardião dos fundamentos da pátria e dos princípios dos homens constituídos na massa e reduzidos a raça, etnia ou nação. Não é este o caso que padecemos hoje?

Em conclusão, o dia que se presente etnista não necessite de outros, mais que de si mesmo, para criar e estabelecer sua etnia, nem um nacionalista, nem um patriota, que reclamem a circunscrição natural a uma abstração coletiva, esse dia, libertos das questões congênitas e dos deveres ancestrais, o que eles dizem se entenderá como uma simples, mas acertada para alguns ou mas erradas por outros, abstração pessoal, e o conflito entre o indivíduo sem pátria e o coletivo megaglutinador se findará... Só existirá então um pequeno problema: se o fator que fixa os limites sobre o coletivo desaparecer, então os generos, o homem e a mulher, as raças, as etnias, as nações e as pátrias, também desaparecerão, e quem derá, nesse dia, poderemos falar em nível pessoa, um diálogo entre Tu e Eu.

NAS MÃOS DE DARWIN





Resumo

O resumo e a volta ao normal: a cultura é algo dinâmico. Muda. Não é a mesma coisa viver hoje como foi a 50 anos atrás, quando não havia televisão nem sacolas plásticas. A identidade de teus avós, sua forma de ser e de pensar, é diferente da tua hoje em dia. Nem é o mesmo habitar em um cortiço como um operário, que em uma cidade como estudante universitário. As pessoas possuem sentimentos de identidade. Vossa identidade étnica diversa, se deve ao processo histórico, há um contexto econômico e social, e a interação com outros grupos humanos, no que atualmente se fundamenta o Estado. O Estado é o Grande Arquiteto de identidades coletivas, porque as cria e também as combate. De tudo isso, de como os vê e de como os rotula, surge uma obscura ideia do que seja vos como coletivo. O Estado emprega estes sentimentos para exercer a dominação.

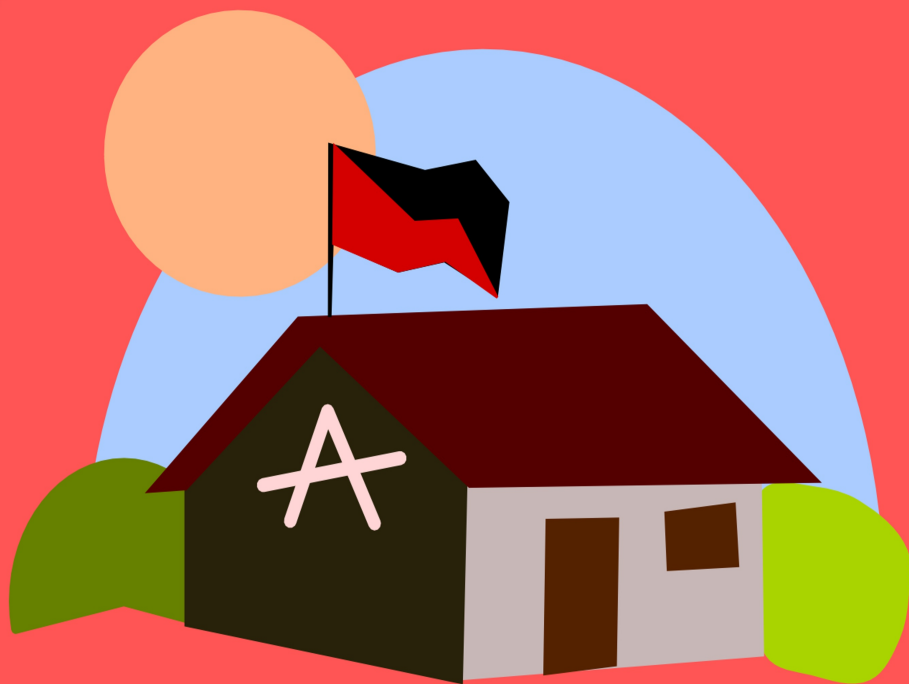
Em um mundo anarquista, sem Estado nem coerção, viverias as diferenças de outra forma, totalmente distinta, não hierárquica. Observa a quem está de teu lado e o valoriza pelo que é, pelo que faz. E o faça o mesmo contigo. E com quem viva do outro lado do globo. Todo somos diferentes, mas também somos iguais. Se queremos respeitar a diversidade individual e coletiva, temos que combater sempre o Estado.



**lernu
esperanto**

**aprenda
esperanto**

anarkio.net



NOSSA Casa NOSSA luta!

Iniciativa por espaços
sociais autônomos
sem partidos, sem patrões
sem religiões, sem Estado
anarkio.net - fenikso@riseup.net

ANARKIO.NET

ATÉ O FIM DE TODAS
CLASSES SOCIAIS

Vizitu nian
interetan paĝon



HTTP://ANARKIO.NET



- Tekstojn;
- Imagojn;
- Agojn, ktp

Retadreso:

fenikso@riseup.net aŭ barriliber@anarkio.net
lobo@riseup.net